

CAVALCANTE, Eduardo Pessoa. *Fora da misericórdia não há salvação: implicações teológico-pastorais à luz do pontificado de Francisco*. São Paulo: Pluralidades, 2023. 164 p., 23 cm x 15,5 cm. ISBN: 978-65-89465-59-1

O autor (A.) Eduardo Pessoa Cavalcante se apresenta como amazonense, esposo de Ana Patrícia, pai de Sofia (*in memoriam*). É doutorando em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), seu mestrado foi na mesma instituição com concentração em teologia da práxis cristã. Também exerce atividades pastorais por onde passa, se declara próximo ao carisma dos salesianos de Dom Bosco. Com estes elementos o A. delimita o seu lugar de fala antes de apresentar sua reflexão teológica.

A presente obra se trata dos resultados obtidos pelo A. na sua pesquisa de mestrado em teologia. Na introdução está explícito o objetivo da obra: “demonstrar que o tema da misericórdia, à luz das palavras e gestos do Papa Francisco, constitui uma das principais chaves hermenêuticas para entender o seu pensamento, pontificado e implicações para a vida da Igreja” (p. 10). Sistematicamente o A. nos propõe, de modo figurado, uma “viagem” no trem que viaja sobre os trilhos da misericórdia. Cada capítulo é considerado como uma parada do trem, que neste caso possui três estações.

No primeiro capítulo tudo se estrutura de tal maneira que fique demonstrado que a misericórdia é o coração do pontificado de Francisco. Para isso o autor aponta que a misericórdia não se trata de um mero sentimento: “A misericórdia espelha a Trindade manifestada na vida de Jesus Cristo, guiado pelo Espírito e enviado pelo Pai” (p. 13). Ao falar dos atributos de Deus o A. usa um termo que se distingue “*onimisericordioso*”, que depois é complementado com a expressão de que se trata “de uma onisciência-misericordiosa, de uma onipresença-misericordiosa, de uma onipotência-misericordiosa” (p. 25). São apresentadas duas chaves hermenêuticas no caminho de compreensão da misericórdia em Francisco: pela graça do encontro misericordioso de Deus, pelo nosso agir misericordioso. Nesta parte do texto é levantada a questão sobre o porquê existe o sofrimento e a dor, então o A. escreve sobre o abandono de Deus e propõe um itinerário que se divide em três eixos: o abandono como agonia; o abandono que se faz sede; o abandono como profissão de fé. “A verdade é que um Deus misericórdia que permita ou de alguma forma tolere o sofrimento será sempre um mistério” (p. 59). A conclusão do capítulo possui conectivos que nos impulsionam para o capítulo seguinte, fato que se repete ao longo do texto, dando coesão a estrutura textual.

No segundo capítulo o A. expõe os elementos que compõem uma Igreja da misericórdia, e destaca que “ela seria pobre e para os pobres” (p. 12). Discorrendo sobre a cultura do descarte o A. afirma que todas as pobreza existenciais ocorrem no intervalo da concepção – nascituro: “ameaçados de morte antes de nascer” (p. 66), até o estágio final da vida – idoso: padecem “atitudes de abandono que são verdadeira e própria eutanásia oculta!” (p. 68). O argumento do capítulo é desenvolvido em duas subestações da “viagem” no trem que percorre os trilhos da misericórdia: 1. A opção pelos pobres como imperativo cristão – “Tal como fora da misericórdia não há salvação, podemos acrescentar que fora dos pobres também não há salvação, a ponto de Jon Sobrino ter escrito uma obra com este título” (p. 90); 2. A Igreja dos pobres deve ser pobre ela mesma – “não podemos esquecer que uma Igreja pobre e para os pobres faz escolhas, toma posições, escolhe lados” (p. 98). Criticamente o A. propõe que reflitamos sobre a existência ou não de modalidades, no *ad intra* da Igreja, de marginalização no conjunto do povo de Deus (p. 89); destaca ainda que a coerência é um dos elementos chaves para credibilidade da Igreja perante a humanidade e elenca a seguir uma série de contra testemunhos dos ministros ordenados e constata: “esse mínimo de coerência ainda não foi alcançado por parcela do nosso clero” (p. 98).

No terceiro capítulo temos uma reflexão sobre os empecilhos para efetivação de uma Igreja da misericórdia. Para delimitar seu estudo o A. argumenta neste capítulo sobre dois temas: o clericalismo como atitude anti-misericórdia; e a ausência de uma Igreja toda ministerial que promova a emancipação dos leigos (p. 101). O clericalismo que não é exclusividade dos membros do clero, como o A. afirma em nota de rodapé, defende “uma Igreja imperial, forte, altamente autorreferencial, mais adequada aos seus anseios ideológicos” (p. 103). Lemos nesta parte do texto uma crítica contumaz e bem fundamentada sobre o uso da palavra hierarquia, o que não significa uma crítica a existência dos ministérios ordenados. Segundo o A. a palavra hierarquia é contrária ao espírito do Vaticano II e demonstra oposição ao projeto de Jesus. A solução indicada seria utilizar termos como: cristãos ordenados, fiéis ordenados, ministros ordenados, servidores ordenados (p. 109). No início da reflexão sobre o tópico por uma Igreja toda ministerial, temos uma retomada do conceito do termo leigo, bem como a sua definição dada no Concílio Vaticano II de que leigos são todos os cristãos que não receberam o sacramento da ordem (p. 124). O A. aponta que Francisco tem colaborado, na linha do Concílio Vaticano II, para a tomada de consciência da dignidade e responsabilidade laical, no entanto, “ainda não se criaram mecanismos que garantam, por direito, a real participação e protagonismo laical das estruturas eclesiais em seus diversos níveis” (p. 136).

Na conclusão o A. afirma que a presente obra é uma empreitada que pode vir abrir novos horizontes que ultrapassem o magistério de Francisco (p. 147). A “viagem” proposta pelo A. chega a sua conclusão com o augúrio de que a misericórdia seja o farol que ilumina os nossos passos (p. 147).

A obra está muito bem delimitada e os argumentos são apresentados de modo sistemático facilitando a compreensão do conjunto do texto. Percebe-se

o elevado número de notas de rodapé explicativas, algumas delas cumprem o papel de auxiliar na precisão dos argumentos, já outras são dispensáveis, pois apenas alertam para aquilo que ainda será tratado no decorrer do texto.

Pela opção do título da obra esperava uma breve retomada histórica da origem do antigo axioma católico “fora da Igreja não há salvação”, perpassando o Concílio Vaticano II e chegando ao Papa Francisco. No entanto, o A. fez a opção de propor de modo direto ao leitor um despertar para o reconhecimento do novo axioma de que “fora da misericórdia não há salvação”. O livro cumpre com o seu objetivo demonstrando o lugar imprescindível da misericórdia, à luz do pontificado de Francisco, demonstrando e até mesmo fazendo reivindicações teológico-pastorais que assumem um grau de relevância diferenciado por serem proferidas por um leigo academicamente formado e consciente do seu papel na construção de uma Igreja misericordiosa e em saída.

Irineu Claudino Sales¹

¹ Presbítero da Diocese de Colatina (ES). Mestrando em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), membro do Grupo de Pesquisa Teologia e Pastoral. Bolsista da CAPES. E-mail: claudino.i.sales@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1077-9954>.